

## **Vestidas de azul e branco: o feminino uniforme no Colégio Farroupilha de Porto Alegre (1950)**

Raphael Castanheira Scholl<sup>1</sup>

Alice Rigoni Jacques<sup>2</sup>

**RESUMO** - O uniforme é um elemento próprio da cultura escolar. no presente estudo objetivamos debater acerca das representações e transformações dos uniformes escolares femininos, durante a década de 1950, tomando como aporte de análise os documentos imagéticos pertencentes ao memorial do colégio farroupilha de porto alegre/rs. o uniforme escolar estabelece em seu uso um ato de pertencimento, no qual deve o aluno honrar o nome, as cores, a tradição e o emblema da escola a qual está vinculado. tendo o uniforme se constituído como um elemento da cultura da escola, é possível, através de uma análise de imagens fotográficas, identificar traços visíveis entre as mudanças históricas da moda feminina incorporadas aos usos e funções sociais do uniforme escolar. através da análise de imagens e de documentos textuais consultados, percebe-se que o uso do uniforme escolar no colégio farroupilha não foi imposto, mas afirmou-se como uma prática e um artefato da cultura escolar da instituição ao longo do tempo.

Palavras-chave: Cultura Escolar, História da Educação, História da Moda, Fotografia.

### **Dressed in blue and white: the female uniform at Farroupilha College of Porto Alegre in the 50's**

*ABSTRACT* - The uniform is a part of the school culture. in this study, we discussed the changes and representations in the woman's uniforms in the 50's, taking for analysis the pictorial documents of the memorial of farroupilha college of porto alegre / rs. the school uniform establishes a belonging behaviour, in which the student must honor the name, colors, tradition, and the emblem of the school. furthermore, it is possible to identify, through the analysis of the images, visible traces of the historical changes of women's fashion incorporated into the social uses and functions of the students in a school uniform. finally, the use of school uniforms in farroupilha college was not imposed, but has established itself as an artifact of practice and school culture across the time.

*Keywords:* School Culture, School Uniforms, Fashion History, Photography.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (PUC-RS, com Bolsa CNPq). Atualmente, é Doutorando em Educação (PUC-RS) e integrante do Grupo de Pesquisa Histórias e Memórias da Educação Brasileira e da Cultura Escolar.

<sup>2</sup> Mestre em Educação (PUC-RS, com Bolsa CAPES). Atualmente, é Doutoranda em Educação (PUC-RS).

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo refletir acerca do uso do uniforme escolar pela clientela feminina de uma tradicional instituição escolar da cidade de Porto Alegre/RS. Pretende-se, através de uma análise de imagens fotográficas pertencentes ao acervo do Memorial “De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha”<sup>3</sup>, discutir as ideias simbólicas de “uniforme” e “uniformidade” presentes no vestuário escolar das alunas da citada instituição, bem como identificar as mudanças da moda incorporadas ao vestuário escolar.

Compreendendo o espaço escolar como um lócus produtor de identidades e de dispositivos, fundamentais para a manutenção da disciplina exigida por/para seus atores constitutivos, são criados, a partir deste espaço, artefatos próprios da cultura escolar, tais como: a carteira escolar, o livro didático, o uniforme escolar etc. Estes artefatos destinados à identificação, à imobilidade, à manutenção da postura corporal e à individualização, permitem a emergência de técnicas destinadas a multiplicar a submissão do aluno de forma objetiva, pelo utilização de tais artefatos e de forma simbólica em uma série de significados implícitos (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992).

Os uniformes ou fardamentos cumpriram, no decorrer do tempo, a função de distinguir

identidades, próprias ou particulares de um grupo, categoria, tribos, associações e, também, de estudantes pertencentes a uma determinada instituição escolar e, deste modo: “o próprio nome justifica, o uniforme escolar é uma tecnologia de poder que submete o sujeito ao padrão desejado” (ALCÂNTARA, 2006, p.8).

De acordo com Lonza (2005), no âmbito histórico da institucionalização da educação no Brasil, surgiu a necessidade de distinguir os alunos de cada estabelecimento pelo meio de uniformes que os caracterizassem com: “o nome, a tradição, o método, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e as outras escolas” (p. 22). O uniforme escolar estabelece em seu uso um ato de pertencimento, o aluno deve honrar o nome, as cores, a tradição e o emblema da escola a qual está vinculado. Ao mesmo tempo, submete o aluno ao disciplinamento. Usando o vestuário próprio de sua escola, o aluno aceita as imposições normativas, acostumando-se a aceitar e obedecer a regras sociais (LONZA, 2005, p. 22).

### 1.1 Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha

O Colégio Farroupilha é uma tradicional instituição de Porto Alegre (RS/Brasil). Foi fundado por imigrantes alemães e é mantido até hoje pela Associação Beneficente e Educacional de 1858. Na Porto Alegre provincial, de meados do século XIX, um grupo de membros da colônia alemã, fundou uma entidade assistencial, que introduziria muitas inovações para a época (TELLES, 1974, p. 28).

---

<sup>3</sup> O Memorial “De *Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha” está localizado em Porto Alegre/RS, na Rua Carlos Huber, 425, Bairro Três Figueiras. O espaço foi fundado em 05 de junho de 2002 e mantém em seu acervo cadernos, documentos, fotos, objetos, uniformes, instrumentos de laboratórios, atas, mobiliários, etc., que fazem parte da história do Colégio Farroupilha e de sua Mantenedora, a Associação Beneficente e Educacional de 1858.

Em 21 de março de 1858, foi realizada a reunião de fundação do Deutscher Hilfsverein (Sociedade Beneficente Alemã ou Sociedade Alemã de Beneficência). No ano de 1875, pela primeira vez, aparece o interesse da Sociedade na organização de uma escola. Em 1886, a Associação inicia as atividades educacionais, em salas alugadas nas dependências da Comunidade Evangélica, sob o nome de Knabenschule des Deutschen Hilfsverein (Escola de Meninos da Associação Beneficente Alemã) com 70 alunos, um diretor e dois professores.

No ano de 1904, a Sociedade Alemã, por reconhecer que as meninas também necessitavam de uma formação escolar, funda a Mädchenschule (Escola para Meninas). Na época, existiam duas Töchterschulen (instituição equivalente a escola secundária feminina) em Porto Alegre: uma pertencente a Comunidade Evangélica, situada na Rua Senhor dos Passos, e outra dissidente, cada uma combatendo a existência da outra de todas as maneiras possíveis. Na época, o presidente da Sociedade Alemã, João Paetzel, destacou, em assembleia, a necessidade urgente de pensar também na educação das meninas, propondo unir ambas as escolas existentes, sob a proteção do Hilfsverein.

No dia 30 de setembro de 1904, a diretoria da Sociedade Alemã recebeu uma missiva da Comunidade Evangélica: cederia ao Hilfsverein o material e as alunas da sua Töchterschule. Ao mesmo tempo, colocaria, gratuitamente, à disposição da entidade, as instalações da escola paroquial, enquanto o novo educandário não apresentasse um resultado financeiro satisfatório. Do mesmo modo, a outra escola para meninas também faria a mesma oferta ao Hilfsverein. No

dia 3 de novembro de 1904, o Hilfsverein colocava na sua pauta mais um motivo para ser merecedor da gratidão de toda a colônia alemã de Porto Alegre: pusera fim à velha rixa existente no seio da etnia e abria uma escola feminina, que seria continuadora dos méritos da masculina, assim cumprindo com a função de educar as meninas, além de adquirirem todos os conhecimentos necessários para serem boas filhas e futuras esposas.



**Figura 1** - Uma das primeiras turmas da Mädchenschule [1904]

Fonte: Acervo iconográfico do Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha

A escola iniciava com 5 séries e contava com o número de 159 alunas, sob a direção do pastor Kleikamp. O corpo docente inicial foi composto pelos seguintes professores: Sra. E. Reeckmann, Srtas. Thea Alrutz, E. Kaufmann, E. Bothe, Maria Kuntz, D. Abrilina Granja e o professor Friedrich Köhling. No ano de 1929, por sugestão do diretor Hans Kramer, a Sociedade Alemã decidiu unir, meninos e meninas, formando turmas mistas, um fato pioneiro para o cenário educacional de Porto Alegre na época. Nesse ano, a escola passa a ser identificada com o nome de Deutschen Hilfsvereinsschule.

## 2. Vestidas de azul e branco: o uniforme escolar feminino no Brasil

Ao longo do século XX, é possível traçar uma linha histórica do uniforme escolar no Brasil, em especial do uniforme feminino, bem como das mudanças operadas pela moda em seus desenhos, usos e suas funções. A função social do uniforme é tema recente de pesquisas em História da Educação no Brasil. Percebemos distintos modos de uniformização na sociedade, as duas categorias mais comuns são: a de dentro para fora (um determinado grupo escolhe uma indumentária para si) e a de fora para dentro (o indivíduo deverá vestir-se de maneira determinada pelo grupo que ingressa).

A temática relacionada aos uniformes escolares surge habitualmente nas narrativas sobre a vida escolar e nas memórias sobre a escola. A figura clássica, cantada em prosa e verso, da “normalista, vestida de azul e branco” é uma imagem histórica e icônica, carregada de representações e inscrita no imaginário social e sempre evocada culturalmente<sup>4</sup>. O uniforme escolar é tema frequente nas memórias escolares, em geral associado a ideias de distinção, orgulho e torna-se um forte símbolo escolar.

O uso do uniforme escolar está fortemente vinculado a ideia de pertencimento. A experiência educativa na escola promove uma experiência de socialização precoce com uma cultura estética singular, revelada nos ritos, práticas, usos e ordens próprias do ambiente escolar, por exemplo: nas cerimônias escolares

(solenidades cívicas, formaturas, exames), nos momentos das refeições e de hábitos de higiene e na gestão dos uniformes; uma educação cultural que funcionava, a rigor, como um sinal de distinção social e com um arraigado intuito civilizador. Nas palavras de Ardoino e Lourau (2003, p. 18), compreendemos que:

O estabelecimento são os muros, os locais, o mobiliário, tangíveis e visíveis, os agentes, o uniforme que vestem, atestando o pertencimento ao aparelho. São, ainda, as estruturas da organização, a hierarquia, os horários, o emprego do tempo, os regulamentos - já menos evidentes, mais abstratos, porém, apesar de tudo, perceptíveis porque explicitamente significados, afixados, codificados em escritos, graduações, galões [...]

O indefectível conjunto, composto de blusa branca e saia azul, que posteriormente se transforma no tradicional uniforme escolar feminino, começou a ser utilizado nas Escolas Normais, no fim do séc. XIX para o início do século XX, “com muito pano e pouco corpo à mostra”, na época as saias iam até os pés e as blusas eram fechadas até o pescoço. As roupas, geralmente confeccionadas em âmbito doméstico ou por costureiras, acabavam por diferirem entre si, as tonalidades de azul das saias variavam, os tecidos eram distintos e as blusas brancas eram obras requintadas de trabalhos de agulha, os modelos cheios de encaixes de rendas, bordados, entremeios e jabôs, o que, acabava por tornar cada modelo único e muito pouco uniforme no conjunto (LONZA, 2005, p. 45).

Por volta de 1915, as alunas da Escola Normal de São Paulo, chamavam a atenção nas ruas vestidas de azul e branco, com uniformes mais modernos seguindo as

---

<sup>4</sup> Sobre, ver: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Vestidas de Azul e Branco: Um Estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)*. FAP-SE, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Sergipe: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2003.

tendências da moda, mas mantendo a sobriedade. As mocinhas usavam saias longas, agora tipo evasée, pouco volumosas. As camisas brancas não apresentavam muitos detalhes e algumas exibiam gravatas compridas ou borboletas. O uso do uniforme para as mulheres denotava uma representação de seriedade e de recato, qualidades desejáveis nas futuras professoras. De acordo com Werle (2005, p. 630):

As alunas eram coibidas em suas manifestações de extravagância, frivolidade, luxo, vaidade e impedidas de acompanhar a moda no vestir-se, pelo uso de uniformes, devendo manter uma aparência cuidada, agradável, limpa e saudável, mas desprendida de mundanidade.

Em 1929 publicou-se no estado do Rio de Janeiro, a brochura “Uniformes Escolares - Distrito Federal”, através da Diretoria Geral de Instituição Pública, com textos descritivos para os uniformes das escolas públicas. Este material determinava o uso e feitio dos uniformes utilizados nas instituições públicas. As escolas primárias deveriam adotar, para a clientela feminina, o uso de blusa branca, de mangas compridas, em tecido não transparente, com punhos abotoados ou com pressões, tendo um bolso do lado esquerdo, com as larguras de golas, punhos e bainha de 06 cm de fio direto e monograma bordado com linha azul-marinho, em ponto cheio. A saia em tecido azul-marinho, com 3 pregas de cada lado. A gravata feita de uma tira comprida do tecido da saia, de 5 cm de largura, tendo as extremidades presas à blusa por botões e alças. Detalhes de cadarço branco estreito, colocados horizontalmente diferenciam os anos do curso primário, além de sapatos e meias pretas (LONZA, 2005, p. 91).

Para o uniforme das alunas da Escola Normal, uma série de determinações e detalhes era prescrita para a indumentária: blusa branca de tecido não transparente com botões de madrepérola, saia de casimira azul-marinho escuro em “machos”<sup>5</sup> de 10 cm, casaco do mesmo tecido da saia com 2 bolsos e botões forrados, sapatos pretos, meias cor de carne, chapéu de feltro azul-marinho com fita de gorgurão da mesma cor nº 9, passada em volta da aba finalizando com um laço no lado direito. As séries eram identificadas por aplicações de cadarço azul-marinho colocados nos punhos da blusa.

No caso das escolas estrangeiras, mantidas por associações ligadas às colônias de imigrantes, o uso do uniforme foi um processo lento, que foi se firmando sem uma obrigatoriedade específica. A Deutsche Schule de São Paulo não exigia o uso de uniforme para seus alunos entre as décadas de 1930 e 1940. O uniforme somente era utilizado para as aulas de Educação Física. De acordo com Lonza (2005, p. 158), ao referir-se a Deutsche Schule de São Paulo (futuro Colégio Visconde do Porto Seguro), diz ser costume das instituições germânicas não obrigar o uso de uniformes escolares.

### **3. O feminino uniforme no Colégio Farroupilha**

Até o ano de 1929, a escola não tinha um uniforme próprio. O diretor Kramer propôs a utilização de “gorros ou bonés” para os meninos,

---

<sup>5</sup> Espécie de dobra feita no tecido, formada por duas dobraduras que se encontram por baixo do pano, criando uma prega ampla, porém achatada, no corpo da saia.

que serviriam como identificadores de pertencimento ao corpo discente da instituição. Os meninos passaram a usar um boné azul escuro, com aba de celulóide, com fitas que de acordo com a cor identificavam as séries. A clientela feminina também adotaria o uso de um uniforme, porém não encontramos especificação da indumentária ou do acessório utilizado neste momento (TELLES, 1974, p. 113).

Em 1934, acontecem mudanças significativas na escola, que passou a designar-se *Hindenburgschule*, em homenagem ao recém falecido marechal alemão e presidente da Alemanha, Paul von Hindenburg. Telles (1974), diz, contrariamente ao fato já mencionado, que “pela primeira vez, nesse ano, as alunas tiveram uniforme. As próprias alunas escolheram através de votação: blusa branca, saia e casaco azul-marinho”.

Através desta informação é possível perceber que, semelhante à *Deutsche Schule* de São Paulo, o uniforme escolar no Colégio Farroupilha, não era um fato consumado, tal quais as imposições e o uso obrigatório imposto nas escolas públicas, mas sim um processo lento e que se afirmaria ao longo do tempo.

O tradicional conjunto de saia azul-marinho em pregas e blusa branca seria o uniforme adotado para a clientela feminina da escola. O conjunto na década de 1940 era acrescido por um *tailleur* azul-marinho, blusão branco com monograma (GF - Ginásio Farroupilha) ao centro e um casaco sport em azul e branco como se pode ver na figura abaixo.



**Figura 2** - Primeira turma de formandos do Ginásio [1941]

**Fonte:** TELLES (1974)

Na década de 1950, período focado em nosso estudo<sup>6</sup>, o uniforme feminino não diferiu da década anterior. Para as meninas do curso primário, de acordo com as imagens analisadas, o indefectível conjunto branco e azul-marinho em versão miniaturizada, composto pela saia de pregas, blusa branca com o monograma da escola, *tailleur* de 4 botões e o casaco sport azul e branco.



**Figura 3** - Turma “A” do 2º Ano Primário [1951]

**Fonte:** Acervo do Memorial “De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha”

Para as alunas do Curso Ginásial, o mesmo uniforme azul e branco, mas nota-se uma ligeira mudança em relação aos volumes das

<sup>6</sup> Esta escolha deu-se pela disponibilidade das fotografias da década de 1950 estarem digitalizadas pelo Memorial “De *Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha”. Pretende-se futuramente ampliar o estudo sobre esta temática com materiais iconográficos de outras décadas.

saias, em relação à década de 1940, época em que a moda absorveu o espírito da guerra e houve um grande racionamento de tecidos nos países europeus, em especial na França, o que tornou, por razões de necessidade, a silhueta feminina algo “militar, inspirada nos uniformes masculinos, compondo-se o guarda-roupa feminino, durante o período da 2ª Guerra, por vestidos de corte simples e conjuntos de casacos e saias, mais curtos, de desenho quadrado e desprovido de excessos de tecido”.

Com a ascensão do costureiro francês Christian Dior e o lançamento de sua coleção em 12 de fevereiro de 1947, que logo se popularizou em um estilo chamado new look, a moda feminina que andou extremamente sóbria em tempos de guerra, recebeu a feminilidade perdida de volta através do perfil delicado, das formas elegantes, da silhueta contrastante das saias amplas e da cintura marcada. De acordo com Mendes e La Haye (2003, pg. 126):

Apesar do nome, porém, o visual estava longe de ser novo. Ele revisitava as cinturas minúsculas e saias amplas do traje histórico, especialmente do vestuário de meados do século XIX, também, de certa maneira, lembrava o traje de ballet; contudo, na rejeição total dos estilos do período da guerra e no desafio às restrições do racionamento, era eminentemente digno de nota e, portanto, desejável.

Podemos perceber que, em certa medida, a moda influenciava o uniforme escolar, mesmo que estas mudanças, em seu desenho e usos não fossem absorvidas na rapidez exigida pela moda ou, ainda acontecessem de maneira pouco perceptível. Por exemplo, o comprimento das saias, pertencentes ao uniforme escolar, que eram, na maioria das instituições, rigorosamente milimetrados, sempre devendo estar com a

bainha abaixo do joelho, quando a moda fora da escola já impunha saias mais curtas, o que gerava um conflito entre a moral da escola e a liberdade que a sociedade “extra-muros” já outorgava, acabando por produzir uma tensão entre a vida escolar e a vida social.



**Figura 4** - Turma “A” do 2º Ano do Ginásio [1951]  
**Fonte:** Acervo do Memorial “De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha”

Em relação aos alunos do curso Científico, é interessante observar a não obrigatoriedade de uniformes, conforme o excerto da Circular da diretoria aos alunos do Curso Científico do Colégio Farroupilha do ano de 1953:

[...] Outrossim, recomendo que, não havendo trajes obrigatórios, devem os Srs. Alunos manterem uma indumentária simples mas adequada a um educandário. Não são permitidos trajes que revelem desleixo pessoal, pois a um colégio deve-se comparecer cooperando para um ambiente de respeito que seja digno de nossas tradições. Às nossas distintas alunas, em especial, faço esta recomendação, neste próximo período em que as modas femininas não correspondam ao ambiente escolar [...] Grato pela colaboração, esperando não ser necessário insistir regimentalmente,  
Dr. Roberto Medaglia Marroni  
Diretor

No texto divulgado pelo diretor, observa-se a não existência de uniformes para estas séries, porém revela-se com destaque a regulação por parte da diretoria acerca do vestuário e da

aparência desejados no ambiente escolar. O conceito disciplinador surge evidente nas palavras do diretor, apelando aos ideais de respeito e dignidade devidos ao espaço da escola e salienta em uma “especial recomendação” ao público feminino o cuidado em relação ao uso de trajes da moda na escola. Em relação à clientela feminina e aos trajes utilizados nas solenidades de formatura, transcrevemos abaixo outras recomendações por parte da instituição dirigida às famílias das alunas:

Às dignas mães das formandas de 1953  
Dirijo-lhes um apelo no sentido de que os trajes de formatura das alunas da 4ª série e 3º Científico:

- 1) Conservando o gosto e a estética necessária, se caracterizem por sua finalidade educativa e moral (evitando-se representações que ficam em desacordo com uma formatura estudantil);
- 2) Não apresentem condições de luxo, que possam inferiorizar colegas de recursos moderados.  
Esperando ser compreendido, subscrevo-me,  
Dr. Roberto Medaglia Marroni  
Diretor

## Conclusões

Nesse estudo, pretendeu-se iniciar uma reflexão, do ponto de vista sócio-histórico, sobre o uniforme escolar e suas relações com os movimentos da moda. Não esperamos, todavia, esgotar os temas abordados, mas sim apresentar um panorama dos estudos que se encontram

## Referências

ALCÂNTARA, C. V. M (2006). **Subjetividade e subjetivação: a “criança resistência” nas dobras do processo de socialização**. Disponível em:

iniciados pelos pesquisadores através do vastíssimo acervo iconográfico do Memorial “De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha”, espaço destinado à preservação da história e das memórias relacionados a esta instituição, bem como da interferência da cultura alemã nos processos educacionais e culturais na cidade de Porto Alegre/RS.

O uniforme escolar, em certa medida, manteve-se pouco flexível diante da modernização, as mudanças percebidas no seu desenho e uso são tênues e por vezes pouco perceptíveis entre uma década e outra. No caso do Colégio Farroupilha, foi possível verificar que o uso do uniforme escolar tencionava a igualdade no vestir, estimulava o cumprimento de regras e normas e, por consequência, estabelecia um ato de disciplinamento.

Em relação aos uniformes e a moda, podemos dizer que nem sempre a indumentária escolar assimilou as mudanças sociais e as constantes mutações propostas pela moda. Em relação à escola, observou-se uma severa restrição e a não aceitação dos modismos incorporados ao vestuário escolar. Encontramos, durante esta pesquisa, uma riqueza de possibilidades ao conjugarmos temas que, ao serem vistos pelas lentes da história da educação, encontram-se entrelaçados: uniformes escolares, moda e feminino.

<[http://www.ANPED.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho\\_gt07.htm](http://www.ANPED.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt07.htm)>

ARDOINO, J.; LOURAU, R. **As pedagogias institucionais**. São Carlos: Rima, 2003.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo dos grupos escolares de Curitiba (1903- 1971). In: **Anais II Congresso Brasileiro de História da Educação - História e Memória da Educação Brasileira**, 2002, Natal. Cd- ROM do II Congresso Brasileiro de História da Educação Brasileira. Natal/ RN. Editora Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002, v 1.

*Artigo submetido em abril de 2012*

*Aceito em julho de 2012*

DI PIETRO, Susana; PINEAU, Pablo. **Aseo y presentación**: un ensayo sobre la estética escolar. Buenos Aires: El autor, 2008.

DUSSEL, Inês. Cuando las apariencias no engañan: una historia comparada de los uniformes escolares en Argentina y Estados Unidos (siglos XIX-XX). **Pro Posições**. Campinas, v. 16, n. 1 (46), jan./abr. 2005, p. 65-86.

LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. Impar Produções. MEC/Rhodia, 2005.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARCON, Mônica D'Andréa. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares**: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000) Caxias do Sul/RS. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UCS, Caxias do Sul, 2010. 130 p.

MENDES, Valerie; HAYE, de la Amy. **A Moda do Século XX**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TELLES, Leandro. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha 1858/1974**. Porto Alegre: ABE, 1974.

VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar. Teoria & Educação**. Porto Alegre, nº 6, 1992.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Feminização do magistério como estratégia de expansão da Instrução Pública**. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 5, n. 7, p. 230-243, 1996.